



O BICHO FOLHAGEM

RS-BARBADES
3
(41) 3014-7616

História
Sonia Robatto

Ilustrações
Adalberto Cornavaca

Músicas
Paulo Vanzolini
e

**Folclore
Brasileiro**



Cante
MODA DA ONÇA



com
EDSON GAMA

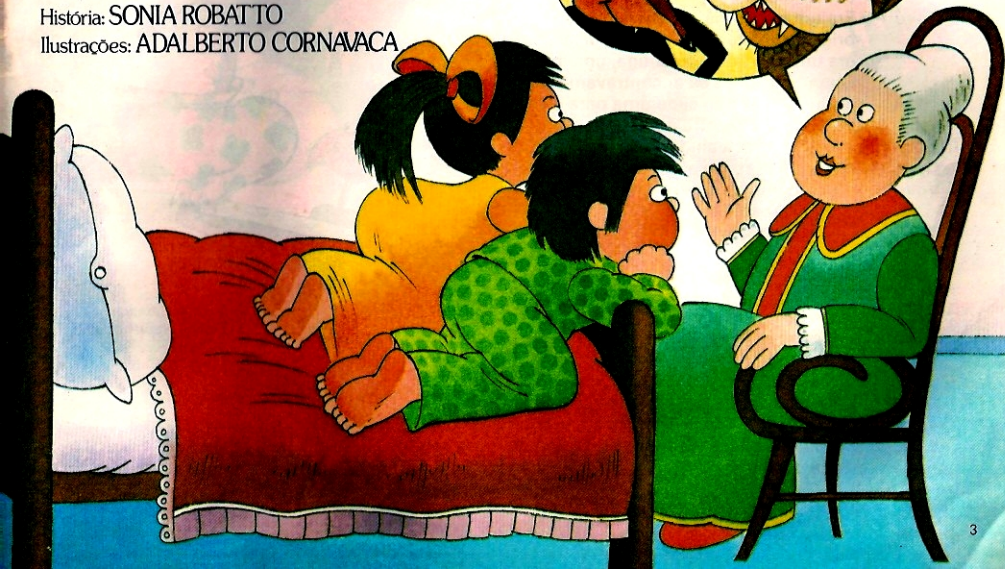


CONTÉM UM DISCO

O BICHO FOLHAGEM

História: SONIA ROBATTO

Ilustrações: ADALBERTO CORNAVACA



*Ó, dona Raposa, ó, dona Raposinha,
entrarás na roda, ficarás sozinha.
Sozinha eu não fico, nem hei de ficar,
porque tenho a Onça para ser meu par.*

- Crianças** — Nas noites gostosas de chuva a gente corria bem cedinho para a cama para ouvir vovó Candinha contar histórias.
- Vovó** — Era uma vez uma raposa e uma onça. Elas viviam brigando noite e dia. A briga delas era uma briga muito antiga, uma briga de família. Quando as duas se encontravam torciam a cara e saíam correndo cada uma para o seu lado, resmungando entre os dentes...
- Raposa** — Ah... Esta Onça ainda me paga...
- Onça** — Ah... Esta Raposa ainda me paga...
- Vovó** — Pagar o que mesmo, eu não sei. Nem elas sabiam! Brigas de família ninguém entende...
- Yeda** — Conte logo, vovó...
- Vovó** — Pois é, um dia a comadre onça fez um grande plano para pegar a raposa.
- Onça** — Ah... Já sei o que eu faço. Vou fingir que estou morta. Fico bem quietinha, deitadinha. E quando a Raposa chegar, eu... nhac... Era uma vez uma Raposa...
- Vovó** — E se a onça pensou, logo-logo realizou. Ficou ali perto da lagoa, deitada, atravessada no caminho, bem durinha, com uma cara de onça morta, bem mortinha. E a comadre raposa foi passando por ali, assoviando, para beber água na lagoa.



*Ó, dona Raposa,
ó, dona Raposinha,
entrarás na roda,
ficarás sozinha.*

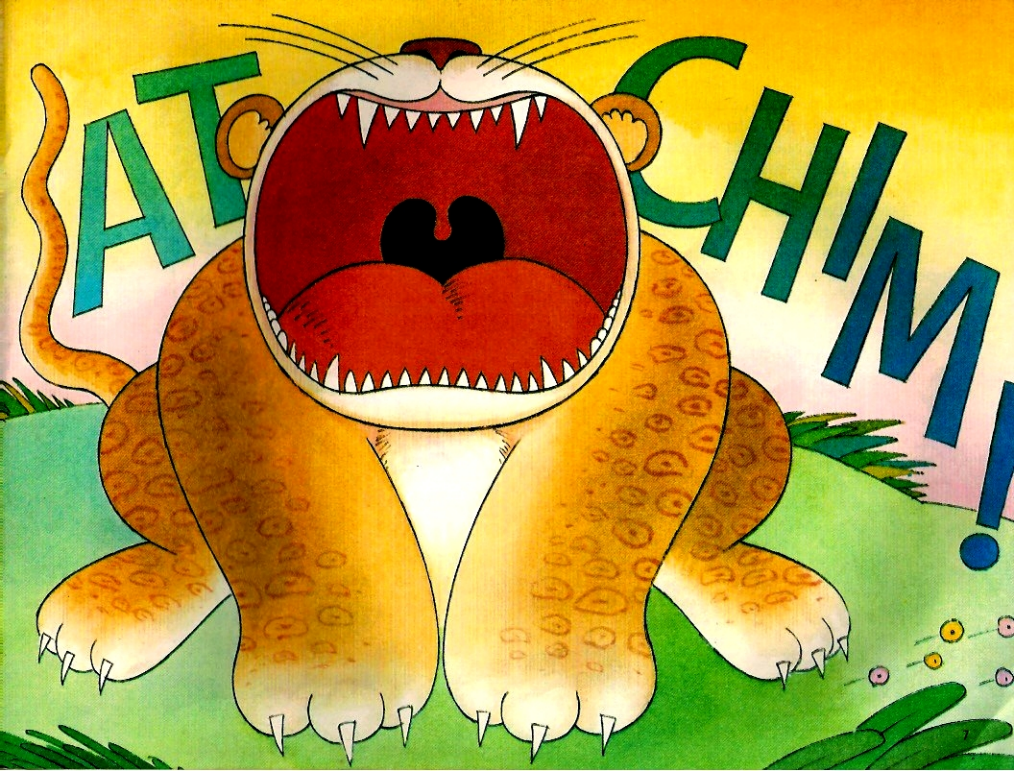
Vovó — Mas, como eu ia dizendo, a comadre raposa apareceu e ficou parada na sombra da árvore, olhando a onça morta, desconfiada...

Raposa — A Onça não estava doente nem nada! Ninguém falou em acidente, armadilha, caçada, tiro, emboscada... Não... Esta história da morte da Onça está muito mal contada.



- Vovó** — Aí, a comadre raposa ficou muito séria e falou com uma voz muito triste, chorosa...
- Raposa** — Coitada da Onça! Tão jovem e tão morta! Morreu na flor da idade, coitada! Uma Onça tão boa! Com um coração tão bom!
- Vovó** — E a raposa olhou bem para a cara da onça e continuou...
- Raposa** — A minha querida avó, a finada Raposinha, quando morreu espirrou, coitada! Espirro é sinal de morte!
- Silvio** — E então vovó, o que aconteceu?
- Yeda** — Conte logo, vovó!
- Vovó** — Calma, minha gente, eu já vou contar... Então, como eu ia dizendo... A comadre onça, muito boba... Eu nunca vi onça mais boba na vida!
- Onça** — ATCHIMMMMMMMMMM! ATCHIMMMMMMMMMM!
- Vovó** — Pois é, ela espirrou!
- Silvio** — E a raposa, hem, vovó?
- Yeda** — O que é que a raposa fez?
- Vovó** — A comadre raposa deu um pulo e saiu gritando...
- Raposa** — Onde já se viu morto espirrar? Huu! Huu!
- Vovó** — A onça virou o que ela era, uma fera! Abriu aquela bocona cheia de dentes de onça! Berrou, urrou!
- Onça** — Um dia eu ainda mato esta Raposa! Eu esfolo, asso, cozinho, corto miudinho e faço picadinho! Ela me paga, me fazendo de boba. Um dia nos encontraremos...





- Vovó** — E a onça tanto falou, praguejou, vociferou,
que no dia seguinte começou um disse-que-disse
na mata e a dona macaca, muito espreitada, segredava...
- Macaca** — Sabe, comadre Raposa, o Bem-te-vi disse... que a Coruja
disse... que a Cobra disse... que a Paca disse...
que o Tatu disse... que a Cutia disse...
que a dona Onça disse que ela vai pegar a senhora,
matar, esfolar, cortar miudinho,
fazer picadinho, tirar a sua pele e fazer casaco...
- Raposa** — Ah, então ela disse isso, é?
Mas que ousadia! Aquela boboca, bobona, bestona,
idiota... Ela é que vai ver o que é que eu vou fazer com ela...





Vovó — E, é claro que o disse-que-disse continuou, e, como quem conta um conto aumenta um ponto... logo-logo o bem-te-vi estava dizendo para a onça...

Bem-te-vi — Sabe, comadre Onça, a Coruja disse... que a Cobra disse... que a Paca disse... que o Tatu disse... que a Cutia disse... que a Macaca disse... que a dona Raposa disse... que a senhora é boboca, bestoca, idiota, feia, horrorosa, caquética e que a senhora vai ver o que ela vai fazer... E que em boca fechada não entra mosca... E... que... que pau que nasce torto morre torto. E... que... sua alma, sua palma!

Onça — Ah, então ela disse isso, é? Ela vai ver o que vou fazer... Comigo não se brinca! Ela não sabe com quem está falando...

Vovó — E lá ficou a onça, matutando no que fazer.
E, depois de muito matutar, rugiu de satisfação...

Onça — Já sei o que vou fazer. Vou matar
esta Raposa de sede. Ou ela, ou eu...

Vovó — E vocês sabem, meninos, o que a danada da onça fez,
não sabem?

Silvio — Não, vovó, eu não sei.

Yeda — Eu nunca ouvi contar esta história!

Vovó — Pois ela correu e ficou ali, deitada perto
da única lagoa daquela mata.
E falou, entre os seus dentes afiados de onça...

Onça — Esta Raposa metida a sebo vai morrer de sede!
Ou ela ou eu!

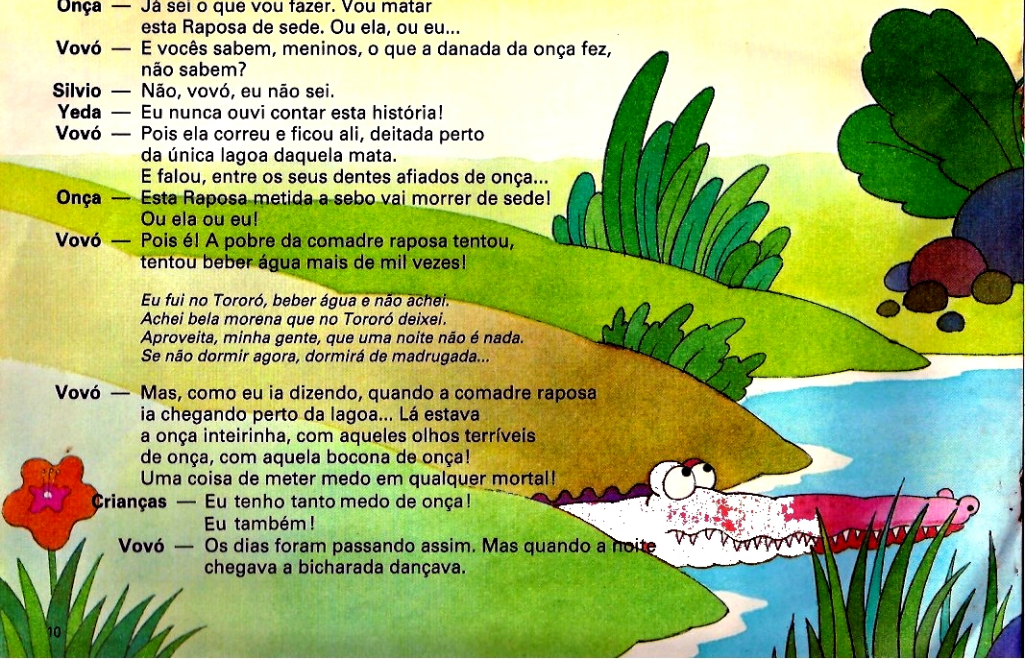
Vovó — Pois é! A pobre da comadre raposa tentou,
tentou beber água mais de mil vezes!

*Eu fui no Tororó, beber água e não achei.
Achei bela morena que no Tororó deixei.
Aproveita, minha gente, que uma noite não é nada.
Se não dormir agora, dormirá de madrugada...*

Vovó — Mas, como eu ia dizendo, quando a comadre raposa
ia chegando perto da lagoa... Lá estava
a onça inteirinha, com aqueles olhos terríveis
de onça, com aquela bocona de onça!
Uma coisa de meter medo em qualquer mortal!

Crianças — Eu tenho tanto medo de onça!
Eu também!

Vovó — Os dias foram passando assim. Mas quando a noite
chegava a bicharada dançava.





Sai, sai, sai, ô, Piaba, saia da lagoa.
Ponha uma mão na cabeça, outra na cintura.
Faz remelexo com o corpo.
Dá uma umbigada nas outras...

Vovó — Mas, enquanto o samba rolava, a comadre raposa dava tratos à bola para inventar uma maneira de enganar a onça... Até que...

Raposa — Ela vai cair nesta direitinho...
Ora se vai! Eu vou passar mel no meu corpo, bem assim...
Agora eu vou rolar no meio daquelas folhas secas... Assim, bem assim...

Silvio — E, então, vovó, o que foi que aconteceu?

Yeda — Conta! aí, vovó, conta logo...

Vovó — Aí, meus filhos, as folhas ficaram todas grudadinhas no corpo dela. E a raposa deu uma boa risada.

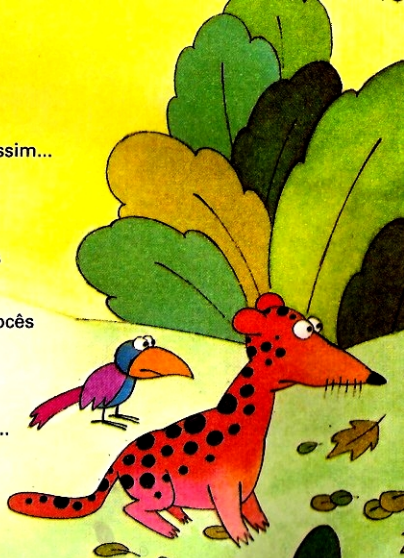
Raposa — Agora eu sou o Bicho Folhagem!

Vovó — E ficou parecendo um bicho folhagem mesmo (só você vendendo!). E lá se foi o bicho folhagem andando na mata e todo mundo foi se assustando.
E o disse-que-disse foi crescendo até que chegou na Cidade da Mata... E os caçadores começaram a inventar histórias de caçadas de onça...

*Mandei os meninos na roça me cortarem uma caninha.
Voltaram na disparada, cai aqui, tomba acolá.
Eu fui e perguntei: O que é que há?
Era um bicho pintado, da cara chata,
as orelhas redondas, o bigode espetado, as mãos maringá
e o rabo comprido que vai como lá.
E eu disse: Isso é onça! Isso é onça!*

Vovó — Enquanto isso o nosso bicho folhagem continuava andando na mata.

*Chamei os meus cachorros, cachorros de minha fé,
que latem fino e grosso, que latem com riso alto.
E coquisquéqui, moleque. Auau, auau! Auau, auau!*





Vovó — Enquanto a cantilena dos caçadores se espalhava, o nosso bicho folhagem andava que andava na mata!

*Chamei o Tomba-Morro,
chamei o Rompe-Nuvem, chamei Quebra-Corrente.
É coquisquéqui, moleque! Auau, auau! Auau, auau!
Fui de pau em pau, fui de toco em toco,
e de toco em toco, e de moita em moita,
e de moita em moita, e de toco em toco,
e de toco em toco, e de pau em pau...
Cherem! E o bichão caiu lá! Isso é onça!*

Vovó — E o bicho folhagem tanto andou que chegou na lagoa. Ele foi chegando e a onça logo perguntando...

Onça — Quem vem lá, hem? Diz, diz aí...

Vovó — E a raposa inventou uma voz bem fininha...

Raposa — Sou eu, dona Onça, o Bicho Folhagem...

Vovó — A onça deu uma olhada enviesada e só viu folhas...

Silvio — E daí, vovó?

Vovó — Daí, Silvio, ela não reconheceu a raposa coisa nenhuma... O bicho folhagem foi beber água na lagoa e os outros bichos ficaram por ali, espiando...

Yeda — E daí, vovó? Conte depressa!

Vovó — E daí, Yeda, o tal bicho folhagem foi com muita sede ao pote... Foi bebendo, bebendo...

Yeda — E então, vovó?

Vovó — Então, a água começou a cair nas folhas e as folhas foram escorregando, e a raposa nem se deu conta...

Silvio — E a onça, hem, vovó?

Vovó — Eu nem quero contar o que aconteceu...

Graciosa — Conte, vovó, conte logo!

Vovó — Af... Apareceu a cara lavada da raposa e a onça teve um faniquito, um chilique!

Onça — É agora ou nunca! Você me paga, sua Raposa idiota, cretina...

Vovó — E a raposa deu aquele pulo de medo!

Raposa — Socorro! Eu vou morrer!

Vovó — E se não fosse o resto das folhas, era uma vez uma raposa... Mas a raposa deu um pulo bem grande...

Raposa — Socorro! Lá vem a Onça! A Onça enlouqueceu e vai comer todo mundo!

Vovó — E aí começou a maior correria de todos os tempos. A mata inteira saiu correndo atrás das duas... E a correria foi tão grande e todo mundo correu tanto, mas tanto, que desde a macaca até o bem-te-vi, todos saíram correndo desta história...

Yeda — E como é que acabou a briga, vovó?

Vovó — Não, a briga não acabou! Esta briga de onça e raposa não tem fim, meus filhos! É uma briga muito antiga, briga de família. Acaba hoje, amanhã recomeça, como certas briguinhas aqui de casa... Mas o que não tem remédio remediado está...

Narrador — E vovó Candinha deu um beijo em cada um, apagou a luz e foi embora.

Ó, dona Raposa...

